

3.

JANEIRO · 2018

*Ponte de Lima:
do passado ao presente,
rumo ao futuro!*



NORTON DE MATOS E O MILAGRE DE TANCOS: ENTRE O MITO E A REALIDADE

NORTON DE MATOS AND THE MIRACLE OF TANCOS: BETWEEN MYTH AND REALITY

A consagração do ministro Norton de Matos como o principal obreiro do ‘milagre de Tancos’ que possibilitou que dezenas de milhares de portugueses fossem combater em França durante a I Guerra Mundial, nada teve de accidental. Neste artigo, começaremos por analisar as estratégias de relações públicas e propaganda do ministério da Guerra para promover a imagem da operação de treino militar no polígono militar de Tancos, recorrendo ao cinema, à fotografia e à escrita, usando recursos humanos militares e controlando, de várias formas, os recursos humanos civis, nomeadamente os jornalistas. Controlo que passava por um apertado exercício da censura prévia mas que não esquecia a sedução. De seguida, discutiremos o outro lado da moeda: como a imprensa se posiciona face às notícias e reportagens da preparação militar portuguesa em Tancos. Escolhemos, pelo seu significado simbólico, o caso da cobertura jornalística da parada realizada nos campos de Montalvo a 22 de Julho de 1916. Ironicamente, veremos como o incidente mais significativo entre a imprensa e o governo durante a preparação militar em Tancos ocorrerá precisamente no âmbito desta que foi a maior operação

I GUERRA MUNDIAL, PORTUGAL,
1916, PARADA DE MONTALVO,
CENSURA E PROPAGANDA DE GUERRA,
IMPRESA, ASSOCIAÇÃO DE
CLASSE DOS TRABALHADORES DA
IMPRESA DE LISBOA

FIRST WORLD WAR, PORTUGAL,
1916, MONTALVO MILITARY PARADE,
CENSORSHIP AND WAR PROPAGANDA,
PRESS, LISBON PRESS
WORKERS' CLASS ASSOCIATION

de relações públicas e propaganda jamais organizada pelo exército em Portugal. Veremos como aquele episódio, que levou a um protesto formal da Associação de Classe dos Trabalhadores da Imprensa de Lisboa, não impediu que os enviados especiais da imprensa portuguesa à parada das tropas treinadas em Tancos escrevessem peças em que a reportagem jornalística ia a par da mais pura propaganda patriótica. Nem por isso a opinião pública portuguesa foi conquistada para a causa da guerra, como a correspondência interceptada pela censura no Verão quente de 1916 bem revela, numa demonstração cabal da distância que vai do mito à realidade.

The public consecration of the War Minister, Norton de Matos, as the main architect of the ‘Tancos miracle’, which enabled tens of thousands of Portuguese to fight in France during World War I, was not a matter of chance. In this article we begin by analyzing the public relations and propaganda strategies used by the Ministry of War to promote the image of the training operation at the Tancos military base in film, photography and writing, by deploying military personnel and exercising control over civilians, including journalists. That control included tight prior censorship, but did not neglect more subtle forms of persuasion. We then discuss the other side of the coin: how the press handled the news and reporting of the Portuguese military preparation in Tancos. For its symbolic significance, we have chosen the case of the journalistic coverage of the parade at the Montalvo camps on July 22, 1916. Ironically, we see that this, the most significant dispute between the press and the government during the military preparation in Tancos, occurs precisely within the scope of the largest public relations and propaganda operation ever organized by the army in Portugal. We also see how that episode, which led to a formal protest by the Lisbon Press Workers’ Class Association, did not prevent the special envoys of the Portuguese press covering the parade from writing pieces in which journalistic reporting went hand in hand with pure patriotic propaganda. However, as correspondence intercepted by the censors in the “hot summer” of 1916 clearly reveals, Portuguese public opinion was by no means won over to the case for war, which demonstrates the distance between myth and reality.



FIGURA 2.

Recordações coloniais

FONTE: Arquivo da Casa Norton de Matos

HELENA PINTO JANEIRO ^[1]

1. *Norton e a “operação Tancos”: censura e propaganda*

A consagração de José Norton de Matos^[2] na hagiografia republicana como o grande obreiro do “milagre de Tancos” não surge apenas por via dos seus méritos intrínsecos quando, à frente da pasta da Guerra^[3], foi o cérebro da complexa operação logística de transformação do polígono de Tancos numa nova “cidade” portuguesa. Nem tão pouco apenas por via da sua capacidade de coordenação da complexa máquina organizativa que permitiu mobilizar, transportar e treinar militarmente várias dezenas de milhar de portugueses, vindos de todos os pontos do país, preparando-os para o combate no teatro europeu da guerra no que virá a ser o Corpo Expedicionário Português (CEP).

A essa consagração, que se inicia nos três meses de maior intensidade do treino militar em Tancos, de finais de Abril a finais de Julho de 1916, e que fará estrada por muitos e longos anos, não é alheia a atenção que desde cedo Norton de Matos prestou à propaganda^[4], a par de todos os outros aspectos logísticos cuja montagem teve que providenciar, ou seja da realidade de Tancos propriamente dita^[5]. Em Dezembro de 1915, no mesmo mês em que convida o general Tamagnini para chefe da Divisão de

[1] INSTITUTO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DA FCSH/UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA & MUSEU DO ALJUBE – RESISTÊNCIA E LIBERDADE

[2] O PRESENTE TEXTO FOI INICIALMENTE ESCRITO PARA AS ACTAS DA CONFERÊNCIA INTERNACIONAL *FROM THE TRENCHES TO VERSAILLES: WAR AND MEMORY (1914-1919)*, ORGANIZADA PELO IHC DA FCSH-UNL E PELO CEIS20 DA UC, NO AUDITÓRIO DA REITORIA DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA, EM JUNHO DE 2009, CUJA PUBLICAÇÃO FOI ADIADA SINE DIE. DESDE 2009, TEM CIRCULADO DE FORMA INFORMAL NO SEIO NA COMUNIDADE ACADÉMICA. EM 2017, ESTE DOSSIER QUE O MUNICÍPIO DE PONTE DE LIMA PROMOVE POR OCASIÃO DOS 150 ANOS DO NASCIMENTO DE NORTON DE MATOS, NÃO PODERIA DEIXAR DE INCLUIR UM ARTIGO SOBRE O PAPEL DESTA LIMIANO NA I GUERRA MUNDIAL. POR ESSE MOTIVO, AO INVÉS DO TEXTO DA COMUNICAÇÃO SOBRE «JOSÉ NORTON DE MATOS NA LITERATURA CRÍTICA DO ÚLTIMO MEIO SÉCULO» POR NÓS APRESENTADA A 25 DE MARÇO DE 2017 NO COLÓQUIO *MEMÓRIAS E TRABALHOS DA VIDA DE NORTON DE MATOS*, NO AUDITÓRIO DA CÂMARA MUNICIPAL DE PONTE DE LIMA, OPTAMOS POR PUBLICAR ESTE INÉDITO, COM ACTUALIZAÇÃO DE ALGUMAS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

[3] JOSÉ MENDES RIBEIRO NORTON DE MATOS (1867-1955) MANTÉM-SE NA PASTA DA GUERRA ENTRE 22 DE JULHO DE 1915 E 8 DEZEMBRO DE 1917, AO LONGO DE QUATRO GOVERNOS SUCESSIVOS: NO 3º GOVERNO DE JOSÉ DE CASTRO (DEPOIS DE TER SIDO CHEFE DE GABINETE DE JOSÉ DE CASTRO NO 1º GOVERNO DE JOSÉ DE ALMEIDA; E, FINALMENTE, NO 3º GOVERNO DE AFONSO COSTA. SOBRE A SUA PASSAGEM PELOS PRIMEIROS DOIS GOVERNOS, CF. HELENA PINTO JANEIRO, «A LONGA MARCHA DE NORTON DE MATOS PARA A GUERRA: A FRENTE GOVERNAMENTAL» IN *NAÇÃO E DEFESA*, Nº 145, *LEITURAS DA GRANDE GUERRA*, LISBOA, INSTITUTO DE DEFESA NACIONAL, 2016, PP. 81-90. SOBRE O SEU PERCURSO BIOGRÁFICO E, EM ESPECIAL, O PERÍODO EM QUE ACUMULOU A PASTA DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS COM A DA GUERRA, VEJA-SE HELENA PINTO JANEIRO, «JOSÉ MENDES RIBEIRO NORTON DE MATOS» IN NUNO SEVERIANO TEIXEIRA (COORDENAÇÃO), *DICIONÁRIO BIOGRÁFICO SOBRE OS MINISTROS E SECRETÁRIOS DE*

ESTADO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS EM PORTUGAL, LISBOA, PUBLICAÇÕES D. QUIXOTE, NO PRELO. VIDE, IGUALMENTE, *IDEM*, «MATOS, JOSÉ MENDES RIBEIRO NORTON DE» IN M^{te} FERNANDA ROLLO (COORDENAÇÃO), *DICIONÁRIO DE HISTÓRIA DA REPÚBLICA E DO REPUBLICANISMO*, VOLUME II, LISBOA, ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA, 2014, PP. 791-792. PARA UMA VISÃO MAIS APROFUNDADA DA SUA ACÇÃO POLÍTICA DURANTE A GUERRA, VEJA-SE, TAMBÉM DA NOSSA AUTORIA, «ASCENSÃO E QUEDA DE UMA NOVA ESTRELA DEMOCRÁTICA» IN HELENA PINTO JANEIRO, *NORTON DE MATOS, O IMPROVÁVEL REPUBLICANO: UM OLHAR SOBRE PORTUGAL E O IMPÉRIO ENTRE AFONSO COSTA E SALAZAR*, TESE DE DOUTORAMENTO EM HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA, LISBOA, UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA, 2014, PP. 137-235.

[4] VASCO PULIDO VALENTE CONSIDERA MESMO QUE O CEP, E O “MILAGRE DE TANCOS” QUE PERMITIU A SUA CONSTITUIÇÃO, FOI CRIADO POR NORTON DE MATOS «COMO PURA PEÇA DE PROPAGANDA» (A “REPÚBLICA VELHA” (1910-1917): *ENSAIO*, LISBOA, GRADIVA, 1997, P.97).

[5] SOBRE O MILAGRE DE TANCOS, NESTE SEU SIGNIFICADO MAIS LITERAL, VEJA-SE ISABEL PESTANA MARQUES, «O SHOW DE TANCOS», *DAS TRINCHEIRAS, COM SAUDADE: A VIDA QUOTIDIANA DOS MILITARES PORTUGUESES DURANTE A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL*, LISBOA, A ESFERA DOS LIVROS, 2008, PP. 23-32; L. ALVES DE FRAGA, «AS MANOBRAS DE TANCOS», *DO INTERVENционISMO AO SIDONISMO: OS DOIS SEGMENTOS DA POLÍTICA DE GUERRA NA 1ª REPÚBLICA, 1916-1918*, PP. 280-285; *IDEM*, «DIVISÃO DE INSTRUÇÃO: AS MANOBRAS DE TANCOS» IN ANICETO AFONSO, CARLOS DE MATOS GOMES (COORD.), *PORTUGAL E A GRANDE GUERRA: 1914-1918*, MATOSINHOS, QUIDNOVI, 2010, PP. 265-269; SOBRE O PÓLO QUE, NO ENTRONCAMENTO, FOI TRANSFORMADO PARA DAR APOIO DE RETAGUARDA AO POLÍGONO DE TANCOS, CF. MANUELA POITOUT, «AS PRIMEIRAS INSTALAÇÕES MILITARES NO ENTRONCAMENTO E A SUA LIGAÇÃO COM OS CAMINHOS DE FERRO» IN *O FOGUETE*, Nº 15, 2005, PP. 27-31.

Instrução, o ministro da Guerra leva ao rubro uma assembleia de correligionários políticos quando lembra que «É preciso fazer uma larga propaganda do espírito militar» pois, sem o apoio da nação «nada se pode fazer em prol do exército. O exército é hoje o povo. É a nação. O seu prestígio depende da vontade popular.»^[6].

O ministro bem sabia a dificuldade da tarefa que tinha pela frente para conquistar o país, os militares e mesmo alguns dos seus colegas ministros para a causa da guerra que, na sua concepção, passava necessariamente por conquistá-los para a causa de um campo de instrução de tropas, ou campo de concentração, como preferia chamá-lo. Conselho de ministros após conselho de ministros, Norton esforça-se para que o tema da preparação do exército seja discutido de uma forma global. Debalde. As suas tentativas saem sempre frustradas^[7]. Mas quando finalmente as circunstâncias exteriores se modificam e o governo português consegue da Inglaterra que esta invoque a aliança luso-inglesa para pedir a Portugal a requisição dos navios alemães em portos nacionais, com a mais que previsível consequência da entrada de Portugal na guerra em Março de 1916 ao lado dos Aliados, Norton tinha já tomado muitas das medidas preparatórias que permitiram que as tropas comesçassem a chegar ao polígono de Tancos dois meses depois^[8].

Mesmo após o esclarecimento inequívoco da posição de beligerân-

[6] «UMA SESSÃO MEMORÁVEL REALIZADA EM 3 DE DEZEMBRO DE 1915 NO CENTRO REPUBLICANO DEMOCRÁTICO...» IN MATOS, NORTON DE, *MEMÓRIAS E TRABALHOS DA MINHA VIDA*, VOLUME 3, TOMO V, A CAMINHO DA FORMAÇÃO DE UM CORPO DE EXÉRCITO PORTUGUÊS: DO INÍCIO DA 1ª GUERRA MUNDIAL (3 DE AGOSTO DE 1914) À PARADA DE MONTALVO, EM TANCOS (22 DE JULHO DE 1916), ORGANIZAÇÃO DE A. MALHEIRO DA SILVA E JOSÉ P. C. NORTON, COIMBRA, IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA, 2004, APÊNDICE Nº 93 (TRANSCRIÇÃO DO JORNAL O MUNDO), PP. 424-5.

[7] CF. O SEGUNDO GOVERNO AFONSO COSTA 1915-1916: ACTAS DOS CONSELHOS DE MINISTROS, INTRODUÇÃO, TRANSCRIÇÃO E NOTAS DE A. H. DE OLIVEIRA MARQUES, MEM-MARTINS, PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA, 974, PASSIM.

[8] CF., A TÍTULO DE EXEMPLO, ALGUMAS RESOLUÇÕES TOMADAS AINDA EM 1915 IN NORTON DE MATOS, *OB. CIT.*, APÊNDICES NºS 94 A 100.

[9] RESISTÊNCIAS PASSIVAS E MESMO REVOLTAS, COMO NO CASO DE DUAS COMPANHIAS DO BATALHÃO DE INFANTARIA Nº 21 DA 7ª DIVISÃO, AQUARTELADAS NA COVILHÃ, QUE SE RECUSARAM A PARTIR PARA TANCOS, NA NOITE DE 22 PARA 23 DE MAIO. CF. O RELATÓRIO DO GENERAL TAMAGNINI, ENVIADO PELO MINISTRO PARA CONDUZIR PARA TANCOS AS COMPANHIAS REVOLTADAS, TRANSCRITO PELO PRÓPRIO NAS SUAS MEMÓRIAS CF. TAMAGNINI «OS MEUS TRÊS COMANDOS: D.I.-C.E.P. – 5ª DIVISÃO DE AGOSTO DE 1915 A FEVEREIRO DE 1919» IN ISABEL PESTANA MARQUES, *MEMÓRIAS DO GENERAL 1915-1919, “OS MEUS TRÊS COMANDOS” DE FERNANDO TAMAGNINI*, PREFÁCIO DE NUNO SEVERIANO TEIXEIRA, VISEU, FUNDAÇÃO MARIANA SEIXAS, 2004, PP. XXI E SEGS.).

[10] ARQUIVO HISTÓRICO MILITAR (AHM), 1ª DIV., SECÇÃO 35, CX. 1251, MINUTA, MANUSCRITA, DO PUNHO DE NORTON DE MATOS, DE TELEGRAMA Nº 126, CIFRADO, URGENTE, DE 31/5/1916, DO MINISTRO DA GUERRA AO COMANDANTE DA DIVISÃO DE INSTRUÇÃO EM TANCOS.

cia do país com a declaração de guerra da Alemanha a Portugal, são muitas as dificuldades que o ministro tem ainda de enfrentar, no seio do próprio exército^[9], para levar a bom termo o treino das tropas da Divisão de Instrução em Tancos. Neste contexto, o ministro proíbe terminantemente em finais de Maio a entrada de civis no acampamento, em telegrama ao comandante da Divisão de Instrução: «Confirma-se o que hontem disse ao chefe do Estado Maior relativamente manejos varios elementos para insubordinarem tropas Tancos ponto Estas condições absolutamente necessario prohibir entrada civis no acampamento e a sahida dele ás praças ponto Julgo conveniente proibir transito pelas estradas que atravessam poligono ponto Necessario vigiar arredores e prender qualquer individuo suspeito ponto Deve elevar-se cada vez mais espirito militar e patriotico divisão de instrução pelos meios Vª Exª julgue mais adequados ponto Julgo situação grave sob ponto vista manejos agentes alemães.»^[10].

Apesar da proibição da livre entrada de civis no campo afectar também os jornalistas, o ministério da Guerra não deixa de promover, ao mais alto nível, um leque de reportagens sobre Tancos muito variado, usando vários suportes ao seu dispor: o cinema, a fotografia e a escrita, usando recursos humanos militares e controlando de várias maneiras os recursos humanos civis, nomeadamente os jornalistas. Norton de Matos encarrega

o capitão Carlos Ferrão de dirigir «uma grande fita animatográfica do acampamento de Tancos»^[11]. As potencialidades propagandísticas tanto da fotografia da guerra como dos preparativos para a guerra são igualmente bem conhecidas do ministro^[12] que nomeia o fotógrafo *free-lancer* e seu amigo pessoal, Arnaldo Garcês, como adido ao estado maior da Divisão de Instrução com a missão de fotografar as manobras de Tancos^[13]. Mas é na atenção dada pelo ministério à imprensa que nos queremos concentrar. As reportagens de Tancos, quer escritas quer fotográficas, eram controladas a vários níveis. Em 1º lugar, a própria deslocação não era livre: a visita às instalações militares requeria uma autorização do ministro da Guerra, sendo frequentemente o resultado da iniciativa do próprio ministério, que convidava os órgãos da imprensa que entendia, quando entendia conveniente – geralmente por ocasião de exercícios militares ou de visitas de altas individualidades, nacionais ou estrangeiras. Em 2º lugar, os movimentos dentro das instalações eram controlados por um oficial destacado para o efeito, como atestam vários repórteres^[14] que, não obstante, não percebiam este facto como um controlo mas sim como uma deferência, atendendo ao posto dos oficiais incumbidos desse papel bem como às amabilidades de que eram alvo: como a disponibilização de automóvel, por especial determinação do ministro da guerra, os jantares na barraca

[11] «UM DIA HISTÓRICO EM TANCOS A PARADA DA DIVISÃO DE INSTRUÇÃO», *REPÚBLICA*, 23/7/1916, P.1. CF. HELENA PINTO JANEIRO, «THE PEOPLE IN ARMS IN THE PEOPLE'S ENTERTAINMENT: CINEMA AND POLITICAL PROPAGANDA IN PORTUGAL (1916-1917)» IN *E-JOURNAL OF PORTUGUESE HISTORY*, VOL. 11, N. 2, WINTER 2013, PP. 50-73.

[12] QUE JÁ EM 1917 ADMOESTARÁ O GENERAL TAMAGNINI POR, «APESAR DAS MUITAS INSTRUÇÕES» NÃO LHE ENVIAR AS FOTOGRAFIAS TIRADAS PELOS FOTÓGRAFOS PORTUGUESES DO CEP «AFIM DE SE LHES DAR O DESTINO E PUBLICIDADE QUE EU ENTENDA MAIS CONVENIENTE», AO CONTRÁRIO DO QUE ACONTECE COM AS FOTOGRAFIAS DAS TROPAS PORTUGUESAS EM INSTRUÇÃO OU NA FRENTE TIRADAS PELAS SECÇÕES FOTOGRÁFICAS INGLÊSAS, RECEBIDAS COM REGULARIDADE PELO MINISTRO (AHM, 1ª DIV, 35ª SECÇÃO, CX 1298, RASCUNHO, DO PUNHO DE NORTON DE MATOS, ASSINADO, DE TELEGRAMA CIFRADO Nº 440, 20/8/1917, DIRIGIDO AO GENERAL TAMAGNINI).

[13] PARA ONDE PARTIU A 28 DE JUNHO: CF. «PARA TANCOS», *REPÚBLICA*, 29/6/1916, P.3. GARCÊS SEGUIRÁ DEPOIS COM O CEP PARA A FLANDRES, COMO ALFERES EQUIPARADO, COM IDÉNTICA MISSÃO. CF. *EXÉRCITO PORTUGUÊS: IMAGENS DA I GUERRA MUNDIAL*, [FOTOGRAFIAS DE ARNALDO RODRIGUES GARCÊS], SELECÇÃO DE FOTOGRAFIAS E RECOLHA DE TEXTOS DE CONDE FALCÃO, ED. ESTADO MAIOR DO EXÉRCITO, 1998.

[14] NOMEADAMENTE OS PRIMEIROS ENVIADOS DOS JORNAIS O *SÉCULO* E A *CAPITAL* AO ACAMPAMENTO, AINDA EM JUNHO DE 1916. PARTE DAS CRÓNICAS QUE AÍ ESCREVERAM FORAM REUNIDAS EM LIVRO: CF. ADELINO MENDES E OLDEMIRO CÉSAR, *A COOPERAÇÃO DE PORTUGAL NA GUERRA EUROPEIA: O MILAGRE DE TANCOS*, PREFÁCIO DE LEOTE DO REGO, LISBOA, EMPRESA LUSITANA EDITORA, S.D.

[15] NA APRECIACÃO DE OLDEMIRO CÉSAR, REPÓRTER DE O *SÉCULO* (IN *IDEM, IDEM*, P. 32).

do comandante juntamente com comitivas oficiais de alto nível de visita ao campo, as pequenas confidências deixadas cair pelos seus guias, etc. Em 3º lugar, não saía nenhum texto de Tancos para ser publicado na imprensa sem passar pela censura militar, a cargo do capitão Abreu de Campos que, de acordo com o primeiro enviado especial do jornal *O Século* a Tancos, a exercia «com criterio e delicadeza»^[15]. Outro tanto acontecia com as fotografias: a *Ilustração Portuguesa*^[16] passa a incluir, nas fotografias do enviado especial da revista a Tancos, Benoliel, a indicação que se tratava de uma publicação autorizada pelo comandante do quartel general da divisão em Tancos ou, mais simplesmente, «...por S. Ex.^a o ministro da Guerra»^[17]. Não admira, até porque o major Norton de Matos figura em inúmeras delas com chefe que tudo controla, em todos os cantos de Tancos e arredores, tal como no país que se (ele) prepara para a guerra. E Norton bem conhecia o poder da imagem, tal como o da escrita pela imprensa, ao contrário do comandante que escolhera para chefiar a Divisão de Instrução e mais tarde do CEP, o general Tamagnini que se indignava com o lugar dado aos jornalistas nos jantares com altas personalidades políticas e militares^[18]. Norton, tal como Tamagnini, era um adepto convicto das virtudes da autoridade militar mas juntava a essa visão de classe a visão do político que também era, consciente de que o sucesso da “operação Tancos”

passava pela conquista da opinião pública e isso não podia ser feito sem uma política de relações públicas e propaganda junto dos jornalistas. Política de sedução que era o contraponto da censura.

De facto, no caso das notícias e dos artigos de opinião sobre Tancos elaborados pelos colegas de redacção que não tinham ido em reportagem ao local, havia o crivo das comissões de censura prévia^[19]. Como, estas, pelos vistos, deixavam passar notícias inconvenientes, Norton solicita expressamente ao ministro do Interior, em meados de Junho, «que nenhuma notícia ou artigo que diga respeito a essa Divisão [de Instrução] e á instrução que se está realizando no campo de Tancos, se publique sem que o original respectivo seja visado nesta Secretaria da Guerra ou no Quartel General da Divisão de Instrução.»^[20]. Dois meses mais tarde, a situação não melhorou pois a imprensa, queixa-se o ministro da Guerra, «continua a dar publicidade a noticias militares que pela sua natureza são altamente inconvenientes e prejudiciais para os interesses da República nas actuais circunstâncias», rogando novamente ao seu colega do Interior que «se digne dar as mais urgentes e terminantes ordens a todos os membros da respectiva censura para que, não sendo mandadas publicar pelas estações oficiais, directa ou indirectamente digam respeito a quaisquer resoluções tomadas pelas unidades mobilizadas ou a mobilizar, sua organização e fim

[16] COMO LEMBRA ANTÓNIO VENTURA, *A ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA PREENCHEU, EM PORTUGAL, O HIATO PROVOCADO PELA AUSÊNCIA DE UMA PUBLICAÇÃO PERIÓDICA REGULAR DEDICADA À GUERRA (COM EXCEPÇÃO DA FUGAZ PORTUGAL NA GUERRA, EM 1917), CASO RARO ENTRE OS PAÍSES BELIGERANTES («A GUERRA E A IMPRENSA PORTUGUESA» IN A. AFONSO E C. M. GOMES (DIR.), PORTUGAL E A GRANDE GUERRA: 1914-1918, MATOSINHOS, QUIDNOVI, 2010, 499-500).*

[17] CF. P. EX., *ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA*, EDIÇÃO SEMANAL DO JORNAL *O SÉCULO*, 2ª SÉRIE, NºS 541, DE 3/7/16 E Nº546, DE 7/8/16.

[18] COMO NO CASO DOS JORNALISTAS QUE ACOMPANHARÃO A VISITA DE BERNARDINO MACHADO AO CEP «QUE AO ALMOÇO TOMARAM SEMPRE LOGAR À MESA DO PRESIDENTE, COM QUANTO HOUVESSE UMA SEGUNDA MESA PARA OS DE MENOS CATEGORIA» (FERNANDO TAMAGNINI, «OS MEUS TRÊS COMANDOS: D.I.-C.E.P. – 5ª DIVISÃO DE AGOSTO DE 1915 A FEVEREIRO DE 1919» IN ISABEL PESTANA MARQUES, *MEMÓRIAS DO GENERAL 1915-1919, “OS MEUS TRÊS COMANDOS” DE FERNANDO TAMAGNINI*, PREFÁCIO DE NUNO SEVERIANO TEIXEIRA, VISEU, FUNDAÇÃO MARIANA SEIXAS, 2004, P. CCXXXVI).

[19] A CENSURA «PREVENTIVA» FOI INSTITUÍDA PELA LEI Nº 495 DE 28 DE MARÇO DE 1916 (IN *DIÁRIO DO GOVERNO*, I SÉRIE, Nº 59), «ENQUANTO DURAR O ESTADO DE GUERRA», ABRANGENDO «OS PERIÓDICOS E OUTROS IMPRESSOS E OS ESCRITOS OU DESENHOS DE QUALQUER MODO PUBLICADOS» (ARTº1º). AS COMISSÕES ERAM NOMEADAS PELO GOVERNO, NAS CAPITAIS DE DISTRITO, OU PELOS GOVERNADORES CIVIS, NO CASO DOS CONCELHOS (CF. ARTº 3º). SOBRE A IMPRENSA E A CENSURA SOB A I REPÚBLICA, NOMEADAMENTE NO PERÍODO DA GUERRA, VEJA-SE: JOSÉ TENGARRINHA, *IMPRENSA E OPINIÃO PÚBLICA EM PORTUGAL*, COIMBRA, EDIÇÕES MINERVACOIMBRA, 2006, PP. 52-55; E ANTÓNIO VENTURA, ARTº CIT, PP., 497-503. ESPECIFICAMENTE SOBRE OS REPÓRTERES PORTUGUESES, QUER NO TEATRO DA FLANDRES, QUER NO TEATRO DE TANCOS,

CF., RESPECTIVAMENTE: JOSÉ RODRIGUES DOS SANTOS, *CRÓNICAS DE GUERRA: DA CRIMEIA A DACHAU*, LISBOA, 7ª ED., GRADIVA, 2003, PP. 39-162.; E HELENA PINTO JANEIRO, «TANCOS: A GÊNESE DE UM MILAGRE», IN PEDRO AIRES OLIVEIRA, M. INÁCIA REZOLA (COORDENAÇÃO), *O LONGO CURSO: ESTUDOS EM HOMENAGEM A JOSÉ MEDEIROS FERREIRA*, LISBOA, TINTA-DA-CHINA, 2010, PP. 87-106. ENTRETANTO, NOÉMIA DA E. P. MALVA NOVAIS CONCLUIU A *IMPRENSA PORTUGUESA E A GUERRA 1914-1918: OS JORNAIS INTERVENCIONISTAS E ANTI-INTERVENCIONISTAS: A ACÇÃO DA CENSURA E DA PROPAGANDA*, TESE DE DOUTORAMENTO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, FCSH DA UNL, 2013, PP. 182-193 (POLICÓPIADA).

[20] AHM, 1ª DIVISÃO, 35ª SECÇÃO, CAIXA 1298, OFÍCIO CONFIDENCIAL Nº 828 DO MINISTRO DA GUERRA AO MINISTRO DO INTERIOR, 15/6/1916.

a que se destinam, e, bem assim, das notícias que interessam á organização e funcionamento dos diversos serviços do exercito em campanha.»^[21].

2. *O clímax da “operação Tancos”: a parada de Montalvo. A imprensa reclama mas rende-se. Entre a reportagem e a propaganda patriótica*

Ironicamente, o único incidente significativo entre a imprensa e o governo no período estudado ocorrerá no âmbito da maior operação de relações públicas e propaganda jamais organizada pelo exército em Portugal com o fim de apresentar ao país e ao mundo o “milagre de Tancos”, após apenas três meses de treinos: a parada de Montalvo de 22 de Julho de 1916. A Associação de Classe dos Trabalhadores da Imprensa de Lisboa considera um vexame os jornalistas terem sido impedidos de entrar na gare do Rossio aquando do regresso do chefe de Estado e, sobretudo, terem sido relegados para a carruagem da cauda do comboio especial organizado para levar a extensa comitiva de personalidades nacionais e estrangeiras à parada das tropas treinadas em Tancos. A par de queixas da maior pertinência, como a de que, nessa carruagem mista, de 1ª e 2ª classe, não tinham qualquer espécie de comunicação com as carruagens onde estava o governo, o corpo diplomático e *tutti quanti*,

[21] AHM, 1ª DIVISÃO, 35ª SECÇÃO, CAIXA 1298, OFÍCIO CONFIDENCIAL Nº 1051 DO MINISTRO DA GUERRA AO MINISTRO DO INTERIOR, 28/8/1916. NORTON DE MATOS ALERTA AINDA PARA A NECESSIDADE DE NÃO DEIXAR QUE AS DIVERGÊNCIAS DE CRITÉRIOS ENTRE CENSORES SEJAM APROVEITADAS PELOS JORNAIS, QUE FREQUENTEMENTE APRESENTAM PELA SEGUNDA VEZ A UM CENSOR MENOS ESCRUPULOSO UMA NOTÍCIA ANTERIORMENTE CENSURADA POR OUTRO.

“

Nada que conseguisse abalar o sucesso mediático da parada de Montalvo, pensada por Norton como o corolário da missão a que se propôs exactamente um ano antes, quando assumiu a pasta da Guerra: provar ao país e ao mundo que Portugal tinha um exército pronto para combater ao lado dos Aliados na frente europeia da guerra.

”

percebe-se que algumas das críticas não eram alheias a um sentimento de desconsideração social por terem viajado na companhia de correios de ministros e moços de pastelaria^[221]. Mesmo os órgãos da imprensa excluídos do convite divulgaram o protesto, assinando por baixo que se tratou de um vexame inadmissível para a classe, mesmo quando, como o diário socialista *A Vanguarda*, não perdem a ocasião de frisar, cruamente, que quem se comporta como laçao do poder, sujeita-se a ser tratado como tal^[231].

Seja como for, a classe tinha plena consciência, e lembra-o ao chefe do governo, que a imprensa «é o mais poderoso veículo de comunicação [do governo] com o país»^[24], aproveitando a ocasião para pedir que os passes da imprensa passem a ser emitidos apenas a jornalistas credenciados e cesse a sua atribuição a pessoas que nem jornalistas são. António José de Almeida, que já fôra jornalista e inclusive fundara um jornal, responde que o governo não tinha tido qualquer intuito de ofender a imprensa e atribui os incidentes «à precipitação com que a excursão fora organizada», acrescentando saber que «o snr. ministro da guerra se encontrava bastante contrariado com o que se déra»^[25]. Significativamente, será o ajudante do ministro, o tenente Florentino Martins, a vir a público assumir a responsabilidade única e exclusiva pela organização da excursão a Tancos^[26], permitindo assim uma demarcação airosa para Norton

[221] CF., ENTRE OUTROS, O RELATO DO JORNAL *OPINIÃO*, REPRODUZIDO POR UM DIÁRIO MONÁRQUICO: «UMA DISTINÇÃO... COMO É TRATADA A IMPRENSA EM PORTUGAL», *A NAÇÃO*, 25/7/1916, P.1.

[231] «OS REPRESENTANTES DA IMPRENSA NÃO PASSAM, PARA ESTES SENHORES, DE MISEROS LAÇAIOS. NÓS, FELIZMENTE, NÃO RECEBEMOS ESSA DESCONSIDERAÇÃO, PORQUE NEM SEQUER FOMOS CONVIDADOS.» («O PASSEIO OFICIAL A TANCOS. COMO É TRATADA A IMPRENSA EM PORTUGAL»), *A VANGUARDA*, 25/7/16, P.1.

[24] «O CASO DOS JORNALISTAS. UMA REPRESENTAÇÃO AO SNR. PRESIDENTE DO MINISTÉRIO», *REPÚBLICA*, 29/7/16, P.1.

[25] *IBIDEM*.

[26] CF. «REVISTA DO DIA (...) AINDA O COMBOIO ESPECIAL E A IMPRENSA», *A VANGUARDA*, 28/7/1916, P. 1.

[271] DA ANÁLISE DE UMA DEZENA DE TÍTULOS DA IMPRENSA DIÁRIA PORTUGUESA DESTACAMOS AQUI AS PEÇAS JORNALÍSTICAS PUBLICADAS A PROPÓSITO DA PARADA DE MONTALVO, NOMEADAMENTE AS REPORTAGENS DOS ENVIADOS ESPECIAIS HERMANO NEVES, *D'A CAPITAL: DIÁRIO REPUBLICANO DA NOITE*; FREITAS JÚNIOR, *D'A MONTANHA: DIÁRIO DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS*; JOSÉ DO VALLE, *DO JORNAL O MUNDO*; NOBRE MARTINS *D'O SÉCULO*; E DOIS REPÓRTERES ANÓNIMOS, RESPECTIVAMENTE *DO DIÁRIO DE NOTÍCIAS* DO DIÁRIO EVOLUCIONISTA *REPÚBLICA*. SOBRE A COBERTURA JORNALÍSTICA DOS TRÊS MESES DE INSTRUÇÃO MILITAR EM TANCOS QUE CULMINARAM NESTA PARADA MILITAR, VEJA-SE HELENA PINTO JANEIRO, «TANCOS: A GÊNESE DE UM MILAGRE» IN *O LONGO CURSO: ESTUDOS EM HOMENAGEM A JOSÉ MEDEIROS FERREIRA*, COORD. PEDRO AIRES DE OLIVEIRA E MARIA INÁCIA REZOLA, LISBOA, TINTA DA CHINA, 2010, PP. 87-106.

de Matos dos precalços organizativos da jornada. Nada que conseguisse abalar o sucesso mediático da parada de Montalvo, pensada por Norton como o corolário da missão a que se propôs exactamente um ano antes, quando assumiu a pasta da Guerra: provar ao país e ao mundo que Portugal tinha um exército pronto para combater ao lado dos Aliados na frente europeia da guerra.

É um sucesso a um tempo testemunhado e criado pelos enviados especiais da imprensa portuguesa à parada, todos de órgãos republicanos, ligados ou simpatizantes dos democráticos ou dos evolucionistas, no poder^[271]. Os jornais ligados à oposição, republicana ou monárquica, afirmam não terem ido por não terem sido convidados, o que neste caso específico não colhe pois, se é verdade que o acesso ao polígono de Tancos era controlado, não era o caso dos campos de Montalvo onde a parada teve lugar, tendo lá estado uma multidão de povo a assistir, nada impedindo que um repórter, mesmo não convidado pelo ministério da Guerra para viajar no comboio especial, pudesse deslocar-se pelos seus próprios meios.

Foi o que fez o repórter do diário republicano da noite, *A Capital*, não por não ter sido convidado mas claramente para se destacar, pela modernidade, dos seus colegas, ao viajar no *side car* de uma *Harley-Davidson* conduzida por uma glória do ciclismo nacional, Manuel Ferreira. O jornal não deixa de assinalar como é «ma-

ravilhosa de concepção mecânica, rápida, resistente» e por isso «apreciada pelos campeões da velocidade»^[28], a motocicleta em que viaja o seu repórter. E Hermano Neves não perde a ocasião de vangloriar como rolou vertiginosamente no seu moderníssimo meio de transporte nos poucos troços de estrada em que o *mac dam* lhe proporcionou minutos de desvanecimento, a uma velocidade estonteante que o fez esquecer os quilómetros de estrada francamente intransitáveis que deixara para trás, entre nuvens de poeira. Que melhor metáfora para a parada militar que o esperava, impressionante de organização, rigor, velocidade combinada com uma precisão matemática e modernidade capaz de eclipsar anos de atraso e marasmo do exército pátrio. O repórter atravessara o país de estradas esburacadas na sua máquina plena de modernidade tal como Norton e a sua equipa arrancaram homens atrasados vindos do Portugal profundo, transmutando-os em soldados e cidadãos da República. Os «alinhamentos geométricos» da «multidão armada», matematicamente disposta em parada^[29] na campina imensa, atraem uma multidão de povo de dez léguas em redor, extasiada, tal como o repórter: «Ah! não duvida. É bem um exercito aquilo que os meus olhos estão vendo. É bem o preambulo de uma epopeia o historico momento que acabo de viver tambem. Tenho ali, sob a minha vista extasiada, um quadro soberbo que nenhuma

[28] «REDACTORES D' A CAPITAL», *A CAPITAL*, 22/7/1916, P.1.

[29] A PRECISÃO MATEMÁTICA DA PARADA É IGUALMENTE SUBLINHADA PELO REPÓRTER DO *DIÁRIO DE NOTÍCIAS* QUE REALÇA A «ASSOMBROSA PRECISÃO» DAS MANOBRAS, «VENDO-SE AS DISTANCIAS RIGOROSAMENTE MARCADAS E OS ALINHAMENTOS COMO QUE TRAÇADOS À REGUA.» («A PARADA MILITAR DE ONTEM EM MONTALVO. UM ESPECTACULO GRANDIOSO...»), *DIÁRIO DE NOTÍCIAS*, 23/7/1916, P.1.

[30] HERMANO NEVES, «A PARADA DE TANCOS. UM DIA MEMORAVEL PARA O NOSSO EXERCITO», *A CAPITAL*, 23/7/1916, P.1

[31] S. A., «A REORGANISAÇÃO MILITAR», *A CAPITAL*, 24/7/1916, P.1.

[32] NOBRE MARTINS, «A GRANDE JORNADA PATRIOTICA. A REVISTA MILITAR EM MONTALVO», *O SÉCULO*, 23/7/1916, P.1.

[33] NOBRE MARTINS, «REPOUSO NECESSARIO. NOTAS DE UM "REPORTER". IMPRESSÕES AGRADAVEIS, APÓS CINCO DIAS EM TANCOS, ENTRE SOLDADOS E OFICIAES», *O SÉCULO*, 28/7/1916, P.1

[34] «UM DIA HISTÓRICO EM TANCOS. A PARADA DA DIVISÃO DE INSTRUÇÃO», *REPÚBLICA*, 23/7/1916, P. 1

[35] JOSÉ DO VALLE, «UM EXERCITO QUE NASCE. A REVISTA MILITAR DE ONTEM CONSTITUIU UMA APOTEOSE À PÁTRIA E À REPUBLICA», *O MUNDO*, 23/7/1916, P.1.

[36] «A ALMA DA PATRIA EM TANCOS», *A MONTANHA*, 25/7/1916, P.1. ATÉ REFERÊNCIA EM CONTRÁRIO, AS CITAÇÕES QUE SE SEGUEM SÃO DESTE ARTIGO.

photographia pode reproduzir, que nenhum chronista pode suficientemente descrever. (...) Estão ali vinte mil homens, pregados áquelle chão, formando um bloco formidavel como a base de um monumento eterno.» E o repórter confessa terem-lhe vindo as lágrimas aos olhos de «pura commoção». A impressão que lhe ficou consegue ainda, no momento em que escreve, fazê-lo «estremecer de espanto». E remata: «O que em Tancos se tem realizado n'estes ultimos meses é verdadeiramente coisa prodigiosa.»^[30] Em editorial do dia seguinte, o jornal faz-se eco do que afirma ser o júbilo do país perante o espectáculo de renascimento do exército português em Tancos, reforçando a tecla do prodígio que quase que se afigura um milagre, prenúncio do que, à imagem de Tancos, se poderá fazer em Portugal^[31].

Idêntico fervor patriótico demonstra o enviado especial de *O Século*, jornal que, no seu cabeçalho, reclama ser o de maior circulação em Portugal. Nobre Martins descobre-se, comovido, diante do espectáculo que se lhe depara: «As lagrimas borbulham-me dos olhos e eu sinto que não saberei descrever o que vou vêr. Estou diante de uma vasta planície, batida em cheio pelo sol, agora mais brilhante do que nunca. Meu adorado Portugal, como eu te bemdigo n'este momento! O dia de hoje será, talvez, o prenuncio das mais brilhantes paginas da tua Historia. Como tu és ainda grande e que instante enorme o d'esta hora!»^[32]. E

o repórter, emocionado, descreve as suas impressões do desfile militar com expressões superlativas, investindo os maus portugueses que ousam denegrir a honra do seu país. Com os seus olhos, também ele, tal como o seu colega de *A Capital*, testemunha o «milagre» de «tão espantosa manifestação militar» que a todos arrebatou, convidados estrangeiros incluídos. «O que está feito e eu vi (...) é, na verdade, bom e grande, espantosamente milagroso (...) Ao cabo de tres mezes, o milagre frutificara»^[33].

O diário evolucionista *A República* segue idêntica linha, ou não tivesse tido por fundador precisamente o chefe do governo da União Sagrada, António José de Almeida, cujo governo concretizou Tancos e cuja fotografia aparece, juntamente com a do presidente Bernardino Machado e o ministro Norton de Matos, no artigo de página inteira dedicado ao dia histórico vivido em Tancos^[34], essa «efeméride notável da obra patriótica da República», esse «padrão da reconstituição do valoroso Exército português que ressurgiu». Ou seja: «É o renascimento militar de Portugal.». Não admira, por isso, que, como nos diz o enviado especial do diário *O Mundo*, o exército da República tenha sido «alvo de uma verdadeira apoteose»^[35].

No diário *A Montanha*, do Porto, vai-se mais longe, recorrendo à Bíblia para reforçar o milagre operado pela República em Tancos. Lá seria até possível ver Lázaro a sair do túmulo, indu-

••

*Que melhor metáfora para a
parada militar que o esperava,
impressionante de organização,
rigor, velocidade combinada
com uma precisão matemática e
modernidade capaz de eclipsar
anos de atraso e marasmo do
exército pátrio.*

••

bitavelmente ressuscitado por um ministro, qual Cristo, capaz de mover montanhas e dominar as águas do oceanos: «Portugal ressurgiu. (...) O lázaro ergueu-se e caminhou (...) voltou a ser um homem. Rosaram-se-lhe as faces, reaquiriu o vigor e a indomável energia de outrora e aquela sua antiga fé ardente com que era capaz de remover montanhas e dominar os oceanos revoltosos, tornou a florir-lhe luminosamente no coração!»^[36]. E a prosa prossegue com as imagens religiosas, proclamando «abençoada» a «geração que proclamou a República, abrindo horizontes novos a um povo que queria viver e tinha um sagrado direito á vida» e em cujos «altos e gloriosos destinos tem uma «fé inabalável». O orgulho que, a justo título, sentem os portugueses pelos «prodígios realizados em tão pouco tempo, num paiz que antes não possuía nem uma sombra de exercito», é não só nobre como «santo», declara o jornalista. Ao prodígio de um exército renascido das cinzas pela fé de alguns seguir-se-ão «prodígios de heroísmo» dos soldados no campo de batalha. E para que não restem dúvidas de que se trata de uma questão de fé: «Tancos é a ressurreição. (...) Já era tempo. (...) a Republica conseguiu, na escasseia meia duzia de anos da sua existencia, operar verdadeiros milagres.». De todos eles, o maior, na sua opinião, é a transformação por que passou o o exército e a marinha, «numa mutação prodigiosa de magica».

3. *Tancos, entre o mito e a realidade*

O propósito de conseguir ter a imprensa a louvar entusiasticamente o sucesso de Tancos ou, pelo menos, como é o caso da imprensa afecta à oposição, neutralizada nos seus propósitos antiguerristas^[37] face àquele sucesso guerrista, é um feito que não pode fazer esquecer o outro lado da questão, que passa pela altíssima percentagem de analfabetos^[38] ou pelos alfabetizados que, mesmo lendo as inflamadas prosas sobre Tancos, continuavam a não compreender os motivos para irem combater numa guerra que não sentiam como sua, para já não falar dos oficiais que consideram os próprios exercícios de Tancos como uma «cégada»[sic]^[39], inútil do ponto de vista da preparação militar para a guerra. Acabado o Verão quente de Tancos, o antigo chefe da Repartição de Informações do Ministério da Guerra, já na sua nova qualidade de director do Serviço de Censura Postal, na dependência do Ministério dos Estrangeiros, retira, da análise da numerosa correspondência que, abordando a guerra, tinha sido enviada à comissão de revisão da censura postal por conter matéria incriminadora, três conclusões principais nada animadoras: 1ª) «Que a guerra não é popular.»; 2ª) «Que existe um acentuado espirito de revolta contra a idéa da nossa participação da guerra em territorio estrangeiro»; 3ª) «Que

[37] ELE HÁ SILÊNCIOS BEM ELOQUENTES, COMENTA A IMPRENSA AFECTA AO REGIME A PROPÓSITO DOS SEUS COLEGAS OPOSICIONISTAS (CF. RUI MORENO, «MUTISMO... PATRIÓTICO», *A MONTANHA*, 28/7/1916, P.1).

[38] 75,1% EM 1911 (TAXA TOTAL). CF. A.H. DE OLIVEIRA MARQUES, *HISTÓRIA DE PORTUGAL*, VOL. III, *DAS REVOLUÇÕES LIBERAIS AOS NOSSOS DIAS*, LISBOA, PALAS EDITORAS, 2ª EDIÇÃO, 1981, P. 343.

[39] AHM, 1ª DIVISÃO, 35ª SECCÃO, CAIXA 1298, CÓPIA DE OFÍCIO CONFIDENCIAL DO DIRECTOR DO SERVIÇO DE CENSURA POSTAL AO DIRECTOR GERAL DO MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS, LISBOA, 9/10/1916.

[40] *IBIDEM*. A IMPORTÂNCIA DESTA RELATÓRIO VIRIA A SER IGUALMENTE DESTACADA POR FILIPE RIBEIRO DE MENESES, NO LIVRO QUE ENTRETANTO PUBLICOU SOBRE AFONSO COSTA, ALFRAGIDE, PORTUGAL, TEXTO, 2010, PP. 59-60.

[41] É UMA CONQUISTA QUE NUNCA CHEGARÁ A SER FEITA. CF., NOMEADAMENTE, FILIPE RIBEIRO DE MENESES, *UNIÃO SAGRADA E SIDONISMO: PORTUGAL EM GUERRA (1916-18)*, LISBOA, COSMOS, 2000, PASSIM.

[42] ÂNGELO VAZ, «DE RELANCE», *A MONTANHA*, 25/7/1916, P.1.

[43] *IBIDEM*. ATÉ REFERÊNCIA EM CONTRÁRIO, AS CITAÇÕES SÃO DESTA MESMO ARTIGO.

há pessoas que pensam na probabilidade de um movimento revolucionario para evitar a ida para a guerra, ou como consequencia dessa ida»^[40].

Esta chamada à realidade, lembrando tudo o que havia ainda por fazer para levar a bom porto a difícil missão de conquistar a opinião pública portuguesa para a causa da guerra europeia^[41], não invalida que a “operação Tancos” liderada pelo ministro Norton de Matos no Verão quente de 1916 culminando na parada militar de 22 de Julho, tenha sido um sucesso mediático que o incidente entre o Gabinete do Ministro da Guerra e a imprensa belisca mas não ofusca. E esse milagre do renascimento do exército «*como quasi do nada*»^[42] não deixa de ser atribuído pela imprensa republicana, para além do comandante da Divisão de Instrução, general Tamagnini, e do Chefe do Estado Maior, major Roberto Batista, ao ministro Norton de Matos, essa «alta individualidade da República»^[43] cuja capacidade de realização e organização a imprensa democrática elogia, a par do «talento», «saber» e «energia inquebrantável». À sua «orientação profundamente republicana e patriótica», dever-se-ia «tão transcendente afirmação do nosso valor civico e militar».

De certa forma confirmando a avaliação de muitos dos seus colegas republicanos, um dos órgãos da imprensa monárquica comenta que Norton de Matos se encontra fortemente escorado em Tancos e «Tancos é, hoje em dia, o melhor

padrinho. Quem fôr seu afilhado, não morre mouro.»^[44]. Não por acaso, o ministro, na altura em que estas palavras são escritas, sobrevivera já a várias mudanças de governo tal como sobreviverá ainda à queda do governo da União Sagrada, até que a revolução de Sidónio Pais finalmente o tire do poder. Quanto ao “milagre de Tancos”, esse, sobreviverá muito para além do período de preparação militar em Tancos para a guerra europeia, transmutando-se num autêntico mito da hagiografia republicana. Mas essa é já uma outra história, a cuja génese que não é porém alheia a atenção que Norton de Matos concedeu às relações públicas e à propaganda de Tancos desde o primeiro momento, mesmo se ainda marcada por um certo voluntarismo e amadorismo, que episódios como o protesto dos jornalistas por via do caso do comboio especial não deixam de revelar.

[44] «O GOVERNO E O REGRESSO», A NAÇÃO, 23/7/1916, P.1.

“

Quanto ao “milagre de Tancos”, esse, sobreviverá muito para além do período de preparação militar em Tancos para a guerra europeia, transmutando-se num autêntico mito da hagiografia republicana.

”